

O PAPEL DE UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL NO ATENDIMENTO DE VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO NA AMAZÔNIA

THE ROLE OF A NONGOVERNMENTAL ORGANIZATION IN ASSISTING VICTIMS OF SCALPING IN THE AMAZON

*Mayra Herminia Simões Farias Hamad-Couto**

RESUMO

O escalpelamento é o acidente mais frequente nas embarcações na Amazônia e acontece usualmente quando as vítimas têm seus cabelos repentinamente puxados pelo eixo do motor de embarcações, arrancando bruscamente todo ou parte do couro cabeludo da vítima, levando a deformações graves e até a morte. A partir da necessidade de fornecer um apoio psicossocial de readaptação das vítimas do escalpelamento à sociedade, foi criada em 2010 a Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor (ORVAM). O objetivo do artigo foi descrever o papel da Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor (ORVAM) na divulgação e atendimento de vítimas de escalpelamento na Amazônia. O método utilizado no artigo foi feito pela análise de dados secundários por meio de estudo documental fornecido pela ORVAM e por pesquisa na literatura, com a descrição do papel da instituição na divulgação e no atendimento de vítimas de escalpelamento na Amazônia, no período de 2010 a 2014. Como resultados foi descrito o início da ONG em 2010 com o acolhimento das escalpeladas e a partir de 2011 ocorreu a confecção das primeiras perucas na instituição que são doadas a elas, surgiu no mesmo ano a necessidade de arrecadação de cabelos como matéria prima para sua confecção, e fomentou as campanhas de conscientização sobre o escalpelamento e luta contra o preconceito, por meio de um evento intitulado “Minha vida por um fio”, que teve como objetivo divulgar e arrecadar matéria prima (cabelos) e alimentos para a instituição, tendo continuidade até o ano investigado. Por esse viés, conclui-se que a ORVAM desempenha um papel de acolhimento às vítimas de escalpelamento, mas ainda há muito o que se fazer por esse grupo, apontando a necessidade de maior investigação do paradeiro dessas vítimas que possuem um tratamento de continuidade e não somente de caráter imediato.

Palavras-chave: Escalpelamento. Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor -ORVAM. Amazônia.

ABSTRACT

Scalping is the most frequent accident on Amazon boats and usually occurs when victims have their hair pulled by the engine shaft of the boat, abruptly ripping all or part of the victim's scalp, leading to severe deformation and even death. Based on the need to provide psychosocial support and rehabilitate victims of scalping, in 2010 the Organization of Motor Vehicle Accidents Victims (ORVAM) was created. The aim of the article was to describe the role of the ORVAM in awareness and care of victims of scalping in the Amazon. The method used in the article was made by the analysis of secondary data through a documentary study provided by ORVAM and by a literature search, describing the role of the institution in awareness and care of victims of scalping in the Amazon, in the period of 2010 to 2014. As a result was described the beginning of the ORVAM in 2010 with the reception of scalping's victims and from 2011 the first wigs were made in the institution that are donated to them, it arose in the same year to the need of donation of hair as feedstock for their preparation, And promoted awareness-raising campaigns on scalping and anti-prejudice, with the first event entitled "My life by a thread", which aimed to disseminate and receive feedstock (hair) and food for the institution, continuing until year investigated. It is concluded that ORVAM plays a role of receiving the victims of scalping, but there is still much that can be done by this group, pointing out the need for further investigation of the whereabouts of those victims who have a continuity treatment and not only immediate.

Key words: Scalping. Organization of Motor Vehicle Accident Victims (ORVAM). Amazon.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil e regionalmente, como o caso da Amazônia, a preocupação com as hidrovias e portos tem sido mais fortemente relacionada à exportação/importação de cargas (ANTAQ, 2011; VERÍSSIMO, 1973; PARÁ, 1974; NAZARÉ, 1989; NAZARÉ, 2001) em detrimento à necessidade das populações tradicionais na Amazônia que necessitam das hidrovias como principal meio de transporte em algumas localidades. Os incentivos orçamentários e ações em busca de melhorias de infraestrutura para o transporte hídrico tem maior enfoque no crescimento da participação na movimentação de cargas. Os indícios empíricos são confirmados pela descrição da navegação de passageiros pelo Caderno de Transporte Hidroviário e Recursos Hídricos (2006), que relata a ausência de cumprimento das normas e exigências da Diretoria de Portos e Costas da Marinha do Brasil por parte da frota regional, com apenas 40% da demanda de embarcações de passageiros e carga fracionada obedecendo a todos os requisitos de segurança na bacia amazônica, o que promove viagens em condições precárias de segurança e conforto, muito comumente por se tratar de população de baixa renda e com importantes problemas sociais.

E como na Amazônia a interação ambiental, as relações sociais e o nível de independência surgem mediante a utilização dos rios, fica notória a relação direta e indispensável das populações tradicionais com as embarcações. No entanto, o quesito segurança fica muitas vezes em segundo plano, já que são registrados ainda hoje inúmeros acidentes promovidos pelas embarcações.

A capitania dos portos da Amazônia Oriental (2014) descreve a falta de segurança nas embarcações fiscalizadas como uma situação que ocorre com frequência em nossos rios, colocando em risco de acidentes outras embarcações, principalmente seus passageiros e tripulantes. E ainda aponta o escalpelamento como o acidente mais frequente na Amazônia.

Escalpelamento significa a remoção da pele e cabelo da cabeça, ou seja, o couro cabeludo (MEDNOKA, 2003). Pode ser causado por traumas, queimaduras, infecções, retiradas cirúrgicas de tumores e lesões congênitas (CHANG *et al*, 2010). É uma situação grave, podendo deixar sequelas importantes, onde a escolha do procedimento reconstrutor deve se pautar na etiologia, localização e período de tratamento, já que pode haver perda parcial ou total de couro cabeludo e demais áreas próximas (FRANCIOSI *et al*, 2010).

Na Amazônia, o acidente acontece usualmente quando as vítimas têm seus cabelos repentinamente puxados pelo eixo do motor de embarcações, arrancando bruscamente todo ou parte do couro cabeludo da vítima, inclusive orelhas, sobrancelhas e por vezes uma enorme parte da pele do rosto e pescoço, levando a deformações graves e até a morte (CAPOR, 2014).

Foi traçado o perfil epidemiológico de vítimas atendidas entre 2001 a 2010 no centro de referência, Hospital Santa Casa de Misericórdia o Pará (HSCMP), onde foram observados 62 casos atendidos, entre eles 43 causados por embarcações, com quadros depressivos como complicação pelo acidente, visto que além de sofrerem pelas sequelas estéticas, sofrem com a discriminação da sociedade (CUNHA *et al*, 2012).

Justificando a necessidade de fornecer um apoio psicossocial de readaptação das vítimas do escalpelamento à sociedade, foi criada em 2010 a Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor (ORVAM). Com isso, o objetivo do artigo foi descrever o papel da ORVAM na divulgação e atendimento de vítimas de escalpelamento na Amazônia.

O método utilizado no artigo foi desenvolvido por meio da análise de dados secundários de um estudo documental fornecido pela ORVAM e por pesquisa na literatura, com o intuito de descrever o papel da instituição na divulgação e no atendimento de vítimas de escalpelamento na Amazônia, no período de 2010 a 2014.

A pesquisa foi conduzida dentro dos padrões éticos e todas as participantes assinaram declaração de autorização do uso da imagem e informações à ONG, sendo o trabalho de levantamento de dados secundários e autorizados pela ONG.

2.O PAPEL DA ORVAM PARA AS VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO

A ORVAM foi um projeto idealizado em 2010 e efetivado em janeiro de 2011, e tem como missão trabalhar a autoestima, o combate ao preconceito e a promoção ao mercado de trabalho por meio de palestras em instituições de ensino, em praças, na mídia e em locais que possam esclarecer as causas e consequências do escalpelamento às vítimas; e além de promover renda às vítimas de escalpelamento com a venda de artesanato e perucas produzidas por elas, sendo uma das principais atividades, a oficina de perucas e o apoio psicossocial com o suporte emocional de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogo, assistente social, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, esteticista, nutricionista, enfermeiro e outros que se disponibilizam temporariamente e são cedidos pelo município ou atuantes na ONG como voluntários ou em convênios firmados com instituições de ensino superior (IES) que disponibilizam alunos e preceptores para atendimento no local. (ORVAM, 2011)

A ONG descreve como seus objetivos à defesa dos direitos das vítimas de escalpelamento através do combate à discriminação, ao preconceito, à exclusão sob todas as formas; além da recuperação da autoestima, o preparo para a inserção no mercado de trabalho e a garantia de seu futuro previdenciário (ORVAM, 2011). As representantes da ONG são chamadas para elaborar pareceres e representar o interesse das vítimas de escalpelamento associadas à ORVAM, por meio de autorização prévia das mesmas na discussão de possíveis políticas públicas com representantes do poder público; promovem assistência e orientação quanto aos direitos de benefícios gerados pelo acometimento; e

geram qualidade de vida com as parcerias firmadas com as instituições de ensino superior que levam alunos para desempenharem atividades diversas como relaxamento, terapia, maquiagem e outros serviços e palestras que promovam a saúde e bem estar.

Segundo informações da presidente da ORVAM, atualmente a organização está com 3 anos de atividade contínua, como entidade civil, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e com a prestação de serviços na área de assistência social, regularmente registrado no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

Estão registrados 98 integrantes, com 25 residentes na área metropolitana de Belém, dentre esses, 10 participam de forma ativa nas vivências da ONG. A principal atividade realizada pela ORVAM é a confecção de perucas com cabelos naturais doados por voluntários. Aproximadamente 90% das integrantes, 91 mulheres, possuem perucas de cabelo natural fornecidas gratuitamente pela ONG, as demais vítimas têm resistência em utilizá-la com a justificativa de desconforto na região e pela percepção da auto imagem não está vinculada a nova peruca, preferindo se manter com adereços como lenços e chapéus e por isso ainda não receberam as perucas com o objetivo de autoaceitação ou não sendo necessário disponibilizar as perucas para esse grupo.

A atividade de confecção de perucas atrai uma grande demanda de outras clientes portadoras de câncer e alopecia. Diante disso, verifica-se um interesse demasiado pelo cabelo, principalmente pelo público feminino, visto que a autoestima é abalada com a perda dos fios.

Segundo Moyses (2001), a autoestima atua como o prisma utilizado pelo indivíduo para se visualizar como merecedor de respeito e capaz de enfrentar os desafios básicos da vida através de diferentes percepções que a pessoa faz sobre si mesma, baseados em aparência física, nas habilidades sociais, no desempenho intelectual e nas habilidades motoras.

No tocante da aparência física, Alves *et al* (2009) concluem que dentre os muitos motivos para melhorar a aparência, os mais apontados são o medo de rejeição ou a perda do atual esposo ou amante. E como ainda hoje, o cabelo é usado na cultura ocidental como forma de se posicionar em um grupo social e econômico, além de expressar a personalidade do indivíduo, bem como atrair parceiro, se torna indispensável na preservação da autoestima. Oliveira (2007) descreve que os cabelos são da maior importância para os mais diferentes povos, em diferentes regiões e nas diferentes épocas e que os cuidados com os cabelos são capazes de gerar felicidade.

A ORVAM, organização que trabalha a problemática do escalpelamento, tem o propósito de discutir questões inerentes a quem sofreu o referido acidente no universo das crianças, adolescentes e adultos de ambos os sexos que passaram por traumas muitas vezes irreparáveis, na tentativa de atenuar as sequelas deixadas e atuar na reinserção da sociedade, visto que o preconceito com as deformidades residuais existem com a perda de cabelo. Aquino (1998) descreve que a base do preconceito tem conteúdo emocional através de filtros de nossa percepção, modulando o olhar, o ouvir, o tocar, configurando uma predisposição perceptual.

No ponto de vista social e na possibilidade de fazer um processo interventivo, a ORVAM trabalha em vários direcionamentos para este fim, uma vez que políticas públicas precisam ser implementadas, com o intuito de ocasionar melhores condições para quem vive vulnerável a esse desfecho.

De acordo com depoimento da presidente da ORVAM, a instituição foi idealizada em 2010 por um grupo de interessados no tema, incluindo as próprias vítimas e familiares em parceria com a assistente social que preside até os dias atuais, quando foram iniciadas as reuniões, composição da diretoria, delineamento do estatuto e a realização das atas de constituição. No entanto, somente em 2011 ocorreu a efetivação do projeto com a entrega da sede doada por um grupo de mídia televisiva, a criação do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e início das atividades, que foi o cadastro das vítimas, criação de mídia social (*site*), recrutamento de duas estagiárias de assistência social, a

realização dos primeiros atendimentos psicossociais e a capacitação das primeiras integrantes para curso de confecção de perucas, o curso de relações interpessoais para as integrantes, aula de dança uma vez semanalmente oferecida voluntariamente por um professor de dança da Universidade Federal do Pará, o lançamento do calendário do ano de 2011, a divulgação do projeto em Universidades, faculdades locais e regionais por meio de palestras, bem como, a realização de entrevistas em rádio, jornal e televisão local.

A partir de 2011, com o início da confecção das primeiras perucas na instituição, surge a necessidade de arrecadação de cabelos como matéria prima para sua confecção, gerando as primeiras campanhas de conscientização sobre o escalpelamento e luta contra o preconceito, como a criação do primeiro evento “Minha vida por um fio”, com o objetivo de divulgar e arrecadar matéria prima (cabelos) e alimentos para a instituição. Em paralelo a divulgação para as vítimas dos trabalhos ofertados pela ORVAM com a doação de perucas para vítimas de escalpelamento. A confecção das perucas é feita pelas próprias vítimas de escalpelamento que recebem gratuitamente sua peruca, como mostrado na figura 1. Porém, ocorreram dois assaltos na sede no ano de 2011, mostrando a fragilidade estrutural de segurança da manutenção do material no local (DURÃES, 2015).



Figura 1 – Confecção de peruca na ORVAM por uma integrante

Fonte: ORVAM (2015).

Em 2012, com os assaltos ocorridos no ano anterior, foi realizado um planejamento, para a busca de parceiros e adequação na planta para construção de uma sala de atendimentos que irá

ministrar novos cursos para as integrantes e concretizar as primeiras instalações de segurança na ONG. Também foi detectado a necessidade de um corpo permanente para a instituição de profissionais que permanecessem para dar continuidade aos projetos. A ORVAM deu continuidade às atividades de cadastro das vítimas, doação de perucas de maneira gratuita, realizou o segundo evento “Minha vida por um fio”, foram feitas pequenas parcerias com o sistema privado através de instituições de ensino que apoiaram a ONG com trabalhos acadêmicos, assim como comercialização de perucas para manter as despesas básicas da instituição. Como marco desse ano, surgiu a mudança do conceito de vítimas de escarpelamento para “integrantes da ORVAM”, pois vislumbrou-se a necessidade de trabalhar mais a fundo o combate ao preconceito renomeando a causa, mudando a condição de vítima para sujeito ativo que superou as dificuldades (DURÃES, 2015).

Já que, de acordo com relato das integrantes da ORVAM que recebem os cabelos doados, as doadoras se deparam com integrantes que perderam seus cabelos brutalmente, e mesmo assim demonstram sua vontade de viver, sensibilizando-as, pois os cabelos das doadoras em curto espaço de tempo crescerá, o que não ocorre na maioria das vezes com as vítimas de escarpelamento atendidas na ONG. Cunha *et al* (2012) relatam que não houve reimplante microcirúrgico do couro cabeludo entre 2001 e 2010 no Hospital referência para atendimento dos casos na Amazônia, apesar de ser o tratamento ideal descrito na literatura (MILCHESKI *et al*, 2003), justificado pela demora da chegada ao serviço de tratamento especializado.

A primeira é a lei nº 11.970/2009, que torna obrigatório o uso de proteção no motor, eixo e partes móveis das embarcações, de forma a proteger os passageiros e tripulações do risco de acidentes (Brasil, 2015). A segunda é a criação da Comissão Estadual de Erradicação dos Acidentes com Escarpelamento em Embarcações no Estado do Pará, com sede em Belém-PA (Pará, 2008).

O terceiro e o quarto enfoque são direcionados à assistência das vítimas de escarpelamento. É mantida a Casa de Passagem Espaço Acolher, local criado pela Santa Casa de Misericórdia do Pará, para dar atendimento às acidentadas e aos familiares que as acompanham durante o período de tratamento médico, atende crianças e adolescente de 07 a 18 anos incompletos encaminhados via Conselho Tutelar, com o tempo médio de permanência de 72 horas, com o objetivo de fazer com que essas crianças retornem ao convívio da família, mas quando isso não é possível elas são encaminhadas para os abrigos (Prefeitura Municipal de Belém, 2015).

O último é o Programa de Atendimento Integral às Vítimas de Escarpelamento que a Fundação Santa Casa como referência estadual paraense no atendimento às vítimas de acidente por escarpelamento, garante a essa demanda assistência integral, contando com uma equipe multidisciplinar, composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, fonoaudiólogos e equipe de apoio (FUNDAÇÃO SANTA CASA, 2015).

Mesmo com a maior divulgação e busca de debelar essa situação, ainda se tem muitos casos registrados, onde a Capitania dos Portos da Amazônia Oriental catalogou 258 casos, entre 1979 e 2014, porém teve um aumento significativo ao longo dos anos, considerando que foram registrados 225 casos entre 2000 e 2014 (CPAOR, 2014). Porém, sempre será necessário um envolvimento maior da sociedade para supressão dos acidentes.

A sociedade civil organizada tem se empenhado por manter memoráveis bandeiras de luta no estado do Pará e o escarpelamento é uma dessas lutas. Dentro desse campo a ORVAM (ONG dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor) tem atuado fortemente na busca de orientar a sociedade dos riscos corridos por usuários de embarcações inseguras e dar suporte às vítimas do escarpelamento. Dando continuidade ao trabalho feito nos anos anteriores, em 2013, a ORVAM conseguiu realizar uma parceria através de convênio municipal de Belém com o Hospital Ofir Loyola, que atende pacientes com câncer, onde a ORVAM se compromete em realizar doações de perucas e recebe do hospital a

ajuda de custo que auxilia na manutenção da instituição e paga as integrantes que fabricam as perucas, inserindo as integrantes no mercado de trabalho na própria instituição.

Porém, a ORVAM identificou a necessidade explicitada pelas próprias integrantes de terem mais cursos preparatórios para o mercado de trabalho e maior espaço físico com a intenção de alocar e manter as integrantes que moram nos interiores durante esses cursos, ocasionando uma ruptura nos atendimentos psicossociais, encaminhamento ao mercado de trabalho e capacitação das integrantes.

Entretanto, a atuação da ONG junto a sociedade atua no fortalecimento da conscientização da causa, como em datas comemorativas, a contar o dia 28 de agosto, que contempla o Dia Nacional de Combate e Prevenção aos Acidentes com Escalpelamento, aproveita-se para divulgar na comunidade acadêmica e para a população em geral através de depoimentos das vítimas. O que gera a sensibilização, por meio da exposição dos traumas psíquicos gerados que o acidente provoca e a condição financeira e sociocultural vulnerável das vítimas. Lima (2008) relaciona os traumas psíquicos com as diferentes situações vivenciadas com o retorno ao lar devido a aparência física sem cabelos e com cicatrizes, influenciando na auto-imagem e na reconstrução da identidade das vítimas, sendo necessária a sensibilização da sociedade com as escalpeladas. Silva & Barroso (2013) corroboram ao descrever que as mulheres vitimadas pelo escalpelamento são vistas com olhares diferenciados pela sociedade, o que as obriga a conviver diariamente estigmatizadas por diretrizes de um padrão estético com um modelo de aparência que a mulher deve ter.

Como observado em 2014, na quarta edição do evento “Minha vida por um fio”, na qual foi feita a distribuição de perucas e os depoimentos das integrantes que demonstraram a sensação de abandono e vulnerabilidade sociocultural e financeira, a desinformação e a perda de autoestima vivenciada por elas, como mostrado na figura 2 a presidente e as integrantes da ORVAM.



Figura 2 – A presidente e as integrantes da ORVAM no 4º “Minha vida por um fio”

Fonte: ORVAM (2015).

Dentre todos os esforços despendidos pela ORVAM, as demais entidades da Sociedade Civil e pelo estado do Pará através da Secretaria da Saúde e da Comissão Estadual de Erradicação de Acidentes com Escalpelamento em Embarcações do Pará os acidentes com embarcações ainda persistem em ocorrer com grande frequência, com quatro casos registrados em 2014 (CPAOR, 2014), além dos casos que não são trazidos a público formalmente, por falta de registro nos órgãos responsáveis.

Magno *et al* (2012) aponta a necessidade de identificar o impacto desses acidentes na saúde pública visto que a escassez de informações e a pouca capacitação e conscientização das equipes de saúde no atendimento às vítimas repercutem no incômodo social frente a fatalidade e as sequelas que desfiguram. Vale (2007) corrobora ao afirmar que algumas crianças além do sofrimento físico também manifestaram sequelas psíquicas, pois demonstram-se emocionalmente fragilizadas, temerosas, envergonhadas, tristes, ansiosas e por vezes culpadas, com queixas de rejeição e discriminação, e em alguns casos sentem-se desejosas de isolamento e apresentam ideação suicida.

O comprometimento físico e emocional foi a razão pela qual a ORVAM descreve a motivação de seus esforços, visando contribuir para a erradicação do escalpelamento na Amazônia, uma vez que se retrata de um problema de saúde pública, socioeconômico e educacional através do combate ao preconceito e a promoção ao mercado de trabalho, sendo uma das principais atividades, a oficina de perucas. Com isso, é respondido o objetivo do artigo ao descrever o papel da Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor (ORVAM) na divulgação e atendimento de vítimas de escalpelamento na Amazônia.

3 CONCLUSÕES

A avaliação do papel da ORVAM não cabe somente aos atores, mas ao descrever o papel atuante da ONG que interage com as vítimas de escalpelamento e com os demais parceiros na luta pela erradicação do escalpelamento, conclui-se que há a necessidade de maior investigação acerca da temática, sendo essas vítimas assistidas por meio de um tratamento continuado e não somente de caráter imediato. Por isso, acredita-se na necessidade de estímulo a órgãos como esses que visam, não somente pós escalpelamento imediato, mas as sequelas em longo prazo, como um problema de saúde pública.

Trabalhos como esses, ajudam na conscientização da comunidade acadêmica regional da importância no aprofundamento do conhecimento da temática, pois quanto mais investigado o objeto, mais conhecidas são suas causas e será mais provável erradicar seus efeitos e, superado por fim, os acidentes do escalpelamento.

A busca tornou-se incessante, mas há carência de publicações sobre o tema e infelizmente, sendo o acervo existente das ações da sociedade civil insuficientes para sensibilizar a sociedade em geral e conscientizar, principalmente, as populações ribeirinhas, da gravidade do acidente do escalpelamento em seus impactos profundos, marcados no indivíduo e nas famílias, nas maioria das vezes carentes financeiramente e sobrevivendo da economia informal, também traumatizadas e muitas vezes dilaceradas com a mutilação ou a morte de um ente querido.

A produção de um conhecimento que possa sensibilizar e convencer a sociedade em geral, a sociedade civil organizada, e o Estado, imprescindível parceiro, neste desafio, nos sucinta ao desafio de propor novas e mais aprofundadas pesquisas ao tema. Visto que a frequente incidência de acidentes com escalpelamento, seus impactos, sequelas e percalços na superação dos mesmos e a experiência vivenciadas pela ORVAM, poderá melhor elucidar os dramas e dificuldades das vítimas de escalpelamento e talvez contribuir para a evolução da assistência as vítimas e enseje replanejamento e mais amplas ações na área das políticas públicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. ; PINTO, M. ; ALVES, S. ; MOTA, A. ; LEIROS, V. Cultura e imagem corporal. **Motricidade**, v.5, n. 20, p. 1, Jan./Mar., 2009.

ANTAQ. Transporte de cargas nas hidrovias hidrovias Solimões-Amazonas 2010. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.antaq.gov.br/portal/pdf/estatisticavinterior/hidroviasolimoesamazonas.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BRASIL. Lei n. 11.970, de 06 de julho de 2009. Acrescenta artigo a Lei n 9.537 de 01 de dezembro de 1997, que dispõe sobre política de segurança de passageiros de embarcações, a fim de tornar obrigatório o uso de proteção no motor, eixo e partes móveis das embarcações, de forma a proteger os passageiros e tripulações do risco de acidentes. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 06 de julho de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11970.htm . Acesso em: 3 jan. 2015.

CAPITANIA DOS PORTOS DA AMAZÔNIA ORIENTAL. **Palestra de prevenção ao escarpelamento**. Belém, 2014. Disponível em: <https://www.mar.mil.br/cpaor/arquivos/escarpelamento.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CHANG KP, Lai Ch; CHANG CH, Lin Cl; LAI CS, Lin Sd. Free flap options for reconstruction of complicated scalp and calvarial defects: report of a series of cases and literature review. **Microsurgery**. v.30, n.1, p.13-8, 2010.

CUNHA, C. B.; SACRAMENTO, R. DE M. M.; MAIA, B.P.; MARINHO, R. P.; FERREIRA, H. L.; GOLDENBERG, D. C. E LASTENIA, M. Perfil epidemiológico de pacientes vítimas de escarpelamento tratados na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Rev Bras Cir Plást**. v.27, n.1, p. 3-8, 2012

DURÃES, Ramuny Gabrielly Bittencourt. **Relatório de planejamento estratégico 2015 da ORVAM**. Belém, PA: ORVAM, 2015.

FRANCIOSI, L. F. N. et al. Reparação do escarpo por retalhos livres microcirúrgicos. **Rev. Bras. Cir. Plást**. v.10, n. 25, p. 624-9, 2010.

FUNDAÇÃO SANTA CASA. **Paives**. Disponível em: <http://www.santacasa.pa.gov.br/programas/paives/>. Acesso em: 15 jan. 2015.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Caderno setorial de recursos hídricos: transporte hidroviário**. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos. Brasília, DF: MMA, 2006.

MEDNOKA, M. B.. Anthropology e archeology of Eurasia. **Spring**, v.41, n.4, p. 57–67. 2003.

MILCHESKI DA, CHEROTO FILHO A, GOLDENBERG DC, FARIAS JC, FERREIRA MC. Reimplante microcirúrgico das avulsões de couro cabeludo: experiência de 7 anos. **Rev Soc Bras Cir Plást**. v. 18, n.3, p.47-54, 2003.

NAZARÉ, Ramiro Fernandes. **Economia e política do transporte fluvial**. Belém, PA: Grafisa, 1989.

_____. **Globalização, o transporte e a Amazônia brasileira**. Belém, PA: Cejup, 2001.

OLIVEIRA, Marina Trench de. Cabelos: da etologia ao imaginário. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v.41, n. 3, 2007.

ORGANIZAÇÃO DOS RIBEIRINHOS VÍTIMAS DE ACIDENTES DE MOTOR. **Estatuto da ORVAM**. Belém, 2011.

PARÁ. Secretaria de Estado de Governo. **Cria a Comissão Estadual de Erradicação dos Acidentes com Escalpelamento em Embarcações no Estado do Pará**. Portaria n.º 23, de 19 de dezembro de 2008. Diário oficial do Estado do Pará, Belém, p. 06, 22 de dezembro de 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Abrigos**. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=16&conteudo=2646>. Acesso em: 20 jan. 2015.

LIMA, S. M. S. F. Trauma e dor nos caminhos dos rios: mulheres ribeirinhas e a realidade do escalpelamento. III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL. Niterói, 2008. Disponível em: http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/posters/ii_con._trauma_e_dor_nos_caminhos_dos_rios_pst.pdf. Acesso em: 20 ago. 2015.

SILVA, S. P.; BARROSO, I. C. O Padrão estético como fator estigmatizante de mulheres vítimas de escalpelamento em áreas ribeirinhas de Macapá e Santana. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n.6, p.89-101, dez, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/582>. Acesso em: 20 out. 2015.

MAGNO, L. D. P. et al. Escalpelamento nos rios da amazônia: um problema de saúde pública. **Revista Paraense de Medicina**. Belém, mar.2012.

VALE, J.C.C. **A compreensão do sofrimento no escalpelamento**: um estudo utilizando o grafismo e o teste de fábulas. 2007. 87f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.